**Revisão empírica.**

A literatura estuda o trabalhador por conta própria a partir do pressuposto da heterogeneidade que permeia a atividade, e uma forma de decompor essa complexidade é através da identificação de padrões, definindo dessa forma, tipologias. No geral, a literatura aponta dois tipos de autônomos, a partir da motivação, os por oportunidade e necessidade (Referência). No primeiro grupo contém aqueles que ao identificar uma possibilidade de negócio com potencial de lhe proporcionar maior flexibilidade, autonomia e rendimentos, decidem migrar para o trabalho por conta própria. (Referência?). Por outro lado, os autônomos por necessidade, muitas vezes não conseguem inserção no mercado de trabalho assalariado e tem o trabalho por conta própria como meio de aferir renda para sua sobrevivência, também há casos que diante de uma frustação de renda de um cônjuge ou familiar se torna necessário desenvolver atividade remunerada (Referência?). No entanto, o nosso estudo identifica as tipologias através de suas trajetórias e não por motivações, contudo neste ínterim, os resultados podem fornecer evidências quanto a esse aspecto.

Comumente as análises de carreira de trabalhadores por conta própria são sucedidas pela caracterização do perfil do indivíduo associado a cada padrão, tais como o gênero, idade, escolaridade e localidade. E em alguns casos, a análise avança através de modelos econométricos para associações entre as tipologias e o sucesso, medido tanto em termos objetivos quanto subjetivos, como a renda, satisfação com a vida, trabalho, saúde e lazer. A principal metodologia empregada é o da análise de sequência utilizada com fins de clusterização.

Os estudos encontram pelo menos quatro padrões de carreira, dos quais três são comuns: indivíduos que exercem atividade empreendedora na maior parte da carreira (autônomo persistente), indivíduos focados no mercado assalariado e que exercem eventualmente trabalho por conta própria (autônomo intermitente) e indivíduos que passam por longos períodos no desemprego e que exercem eventualmente trabalho por conta própria (autônomo por necessidade) (Beusch e Soest, 2020; Koch, Park e Zahra, 2021; Bay e Koster, 2023; Sun, Jin e Zhao, 2023). Além dessas, as pesquisas identificam outras tipologias, como a que utiliza dados do Painel Socioeconômico Alemão (SOEP) do 1991 a 2016, que caracteriza o padrão misto, indivíduos que passam longos períodos em diferentes categorias ocupacionais, sendo este a com maior proporção (33%), e os persistentes (14%), a menor (Koch, Park e Zahra, 2021). Na China, outro padrão emerge, a partir dos dados do Estudo Longitudinal da Saúde e Aposentadoria na China (CHARLS) com indivíduos com mais de 45 anos coletados no ano de 2014, os empreendedores agricultores, que exerceram trabalho na agricultura e que migraram para atividade empreendedora, sendo este a com maior proporção (46%), e os intermitentes (17%), o menor (Sun, Jin e Zhao, 2023). Dois estudos da Holanda, com dados do Estatística da Holanda (CBS), aprofundaram a análise identificando até sete clusters, mas que em certa medida podem ser reduzidos aos três padrões mencionados anteriormente, entre os destaques estão a diferenciação entre autônomos como atividade principal e híbridos, e grupos de diretores e acionistas (Beusch e Soest, 2020; Bay e Koster, 2023).

Ao analisar a distribuição de gênero, os estudos mostram que mulheres são maioria em trajetórias caracterizada pela inatividade ou desemprego, enquanto homens têm maior representação em carreiras de trabalho autônomo estáveis (Beusch e Soest, 2020; Bay e Koster, 2023; Sun, Jin e Zhao, 2023). Com relação a idade, na Holanda, os autônomos por necessidade são mais velhos e os intermitentes mais jovens (Beusch e Soest, 2020; Bay e Koster, 2023). Na China, a relação dos intermitentes se inverte, são os mais velhos e os mais jovens estão no grupo de autônomos persistentes (Sun, Jin e Zhao, 2023). Quanto ao grau de instrução, na Holanda, o menor percentual com ensino superior está nos por necessidade, quanto nos grupos persistentes e intermitentes não é possível observar diretamente a diferença. Na China, os autônomos por necessidade também têm uma média de anos de escolaridade menor que os outros dois grupos, sendo a maior entre os intermitentes (Sun, Jin e Zhao, 2023). Quanto a localização, na Holanda, os trabalhadores por conta própria persistentes tem o maior percentual em zonas rurais (48%), enquanto a diferença entre os intermitentes e por necessidade não é possível observar diretamente (Bay e Koster, 2023). Na China, os padrões de autônomos estáveis também é o mais ruralizado (35%), seguida dos por necessidade (30%) e intermitentes (27%) (Sun, Jin e Zhao, 2023).

Observar quais trajetórias estão associadas a uma maior renda e satisfação também é objeto das pesquisas. Através de análise de regressão de mínimos quadrados generalizados, o estudo alemão mostrou que os persistentes têm a maior renda, e os autônomos por necessidade, a pior, assim como na satisfação com a vida e no trabalho (Koch, Park e Zahra, 2021). No entanto, este resultado não é generalizável para o contexto chinês, que ao analisar a diferença de renda através do modelo de mínimos quadrados ordinários, não identificou diferença significativa entre os clusters de empreendedores agricultores, persistentes e intermitentes. Quanto a autoavaliação de saúde, os agricultores apresentaram o pior resultado, enquanto não houve diferença entre os persistentes e intermitentes (Sun, Jin e Zhao, 2023).

Outro estudo que adotou uma abordagem distinta da análise de sequência, analisou o efeito de migrar para o trabalho autônomo assalariado sobre a satisfação com a vida, considerando o status pregresso de desemprego ou emprego assalariado. O método empregado foi de Regressão Aparentemente Não Relacionadas (SUR) a partir de dados do Painel Socioeconômico Alemão (SOEP) compreendendo o período 1984-2020. Diferentemente no estudo alemão que buscou analisar apenas o efeito direto, o artigo considerou também impactos indiretos, por meios dos quais, exercem influência na satisfação com a vida. As variáveis de preocupações com o desenvolvimento econômico, situação financeira e segurança no emprego, a renda e horas de trabalho foram instrumentalizadas como mediadoras. O modelo não encontrou impacto direto do trabalho autônomo na satisfação com a vida. No entanto, identificou um efeito indireto negativo através das preocupações financeira e horas de trabalho, isto é, o trabalho autônomo aumenta essas preocupações, e que por sua vez, têm efeito negativo na satisfação. Houve também efeito indireto positivo através da segurança no emprego. O trabalho autônomo só foi positivamente relacionado a satisfação com a vida em um cenário de ausência de preocupações. Na análise de heterogeneidade desagregada por motivações de se tornar autônomo: por oportunidade e necessidade. Os resultados mostram que, no primeiro grupo, não houve efeito direito do trabalho autônomo na satisfação com a vida. Por outro lado, os autônomos por necessidade, experimentam um aumento na satisfação (Bider, 2024).

No entanto, há evidência de uma relação não-monotônica do impacto do tempo percentual dedicado ao trabalho autônomo, em variáveis como satisfação com o trabalho e com a renda. Um estudo a partir de dados da Pesquisa Longitudinal de Domicílios do Reino Unido (UKHLS) compreendendo o período de 2009 a 2019, considerou esta não-linearidade ao estimar o efeito do trabalho autônomo na satisfação com o trabalho, lazer e renda. O único efeito significativo foi com a satisfação no trabalho, mostrando uma relação positiva. No entanto, esse efeito é não-monotônico, isto é, o ganho com a satisfação é decrescente a medida que aumenta o tempo no trabalho autônomo. A mesma análise foi realizada excluindo os que eram trabalhadores autônomos em todo o período, mantendo os que tiveram experiência como assalariado e conta-própria, e desagregando por gênero. O impacto não-linear também foi significativo, para ambos os sexos, mas de forma distinta, as mulheres têm uma redução da satisfação de trabalho, após o início, muito mais rápida e significativa em comparação aos homens. Já com relação a satisfação com a renda (na nova amostragem), é para ambos, significativos, no entanto com impactos opostos, enquanto as mulheres experimentam um aumento da renda seguida de uma redução conforme uma relação não-monotônica, para os homens é o contrário, começam com uma redução, e depois, a medida que aumenta o percentual do tempo como autônomo, se torna positivo. E quanto a satisfação com o lazer, para os homens permaneceu não significativo, enquanto para as mulheres identificou um efeito positivo com efeitos marginais decrescentes. O potencial de benefícios em decorrência do trabalho autônomo parece ser mais amplo entre as mulheres, ao aumentar a satisfação para além do trabalho, como o lazer. Isso sugere que as mulheres desenvolvem trabalho autônomo buscando maior equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Os efeitos marginais decrescentes é maior entre as mulheres, no qual é apontado como um fator o seu papel social como mulher e as expectativas de gênero (Litsardopoulos et al., 2022).